



O INVERNOSO DECLÍNIO DA EXISTÊNCIA EM GASTÃO CRUZ

THE WINTERY DECLINE OF EXISTENCE IN GASTÃO CRUZ

Sara Andressa de Oliveira Silva (UFU)¹

Rodrigo Valverde Denubila (UFU)²

Resumo: O presente artigo investiga a concepção do inverno como um mecanismo de meditação lírica em *Existência*, de Gastão Cruz. Considerando que os caminhos da construção poética do autor se apresentam sutilmente, teve-se um recorte estabelecido por intermédio de uma identificação temática. Nesse sentido, a análise parte da hipótese de que as estações do ano, liricamente trabalhadas, simbolizam os estágios da vida. Logo, a passagem do tempo é retratada desde a plenitude da infância até o esplendor da idade adulta, transitando pelo outono da velhice e culminando no inverno da morte. Este último, em particular, sendo a estação que metaforiza o término da existência. Assim, objetivou-se identificar reflexões que excedem a historicidade do ser, através do simbolismo da estação invernal. Para isso, uma abordagem interdisciplinar, combinando a análise literária com a intersecção entre Filosofia e Poesia, conforme María Zambrano e conceitos existencialistas de Martin Heidegger, se fez essencial. A metodologia adotada, centrada na pesquisa bibliográfica, forneceu uma base sólida para a análise. Por fim, constatou-se que, embora a imagem lírica do inverno não apareça de forma explícita, está associada à sensação de finitude e à taciturnidade que permeiam as reflexões do eu-lírico.

Palavras-chave: Poesia. Filosofia. Inverno. Existência. Morte.

Abstract: This article investigates the conception of winter as a mechanism for lyrical meditation in the book *Existência*, by Gastão Cruz. Considering that the author's poetic construction paths are subtly presented, a thematic identification was established as a cut-off point. In this sense, the analysis starts from the hypothesis that the seasons of the year, lyrically worked, symbolize the stages of life. Therefore, the passage of time is portrayed from the fullness of childhood to the splendor of adulthood, transitioning through the autumn of old age and culminating in the winter of death. The latter, in particular, being the season that metaphorizes the end of existence. Thus, the aim was to identify reflections that exceed the historicity of being, through the symbolism of the winter season. For this, an interdisciplinary approach, combining literary analysis with the intersection between Philosophy and Poetry, as per María Zambrano and Martin Heidegger's existentialist concepts, was essential. The adopted methodology, centered on bibliographic research, provided a solid basis for the analysis. Finally, it was found that, although the lyrical

¹ Graduanda do Curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras, pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sara.andressa@ufu.br

² Doutor em Estudos Literários pela FCL-UNESP/Araraquara. Pós-doutorado pela mesma instituição. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Núcleo de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa (NUCLIT). E-mail: rodrigo.denubila@ufu.br

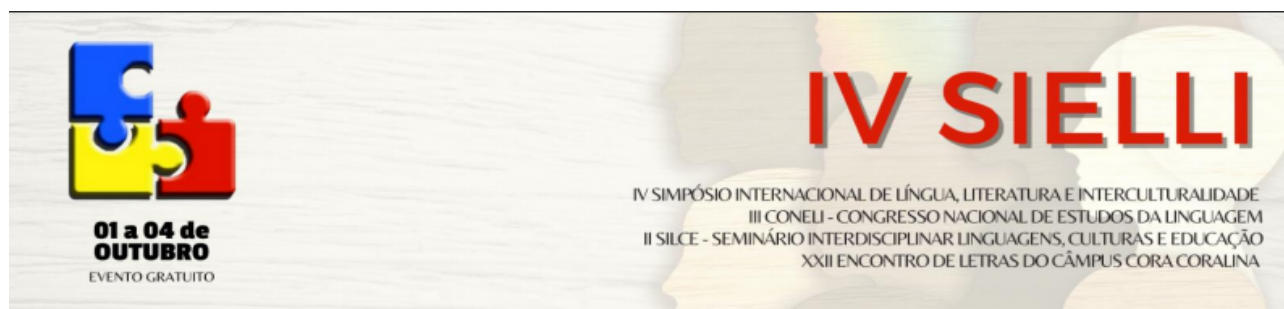


image of winter does not appear explicitly, it is associated with the feeling of finitude and the taciturnity that permeate the reflections of the lyrical self.

Keywords: Poetry. Philosophy. Winter. Existence. Death.

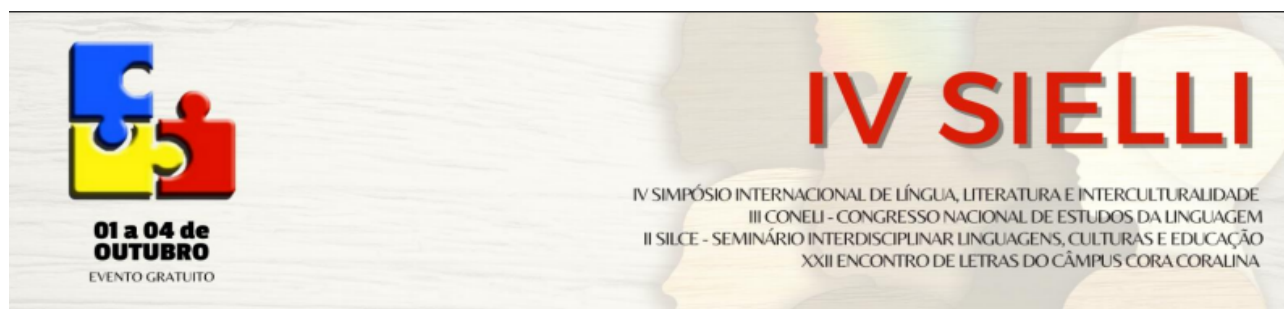
INTRODUÇÃO

Em *Existência*, publicado em 2017, o poeta português Gastão Cruz (1941-2022) explora a interdependência entre vida e morte em 45 poemas líricos marcados pela melancolia e inquietude. A obra, fruto da velhice do autor, revela uma percepção lírica e melancólica sobre o vazio e a existência. Segundo Amanda Damasceno Rodrigues (2019), em *Faces do estilo tardio na existência de Gastão Cruz*, o poeta carrega a bagagem de suas vivências, apresentando a maturidade de quem enfrentou os desafios de uma geração marcante.

Feito esse breve percurso, delimitamos que esta pesquisa parte da hipótese de que as estações do ano simbolizam os estágios da vida liricamente meditados e poetizados ao longo da obra de Gastão Cruz. Assim, a passagem do tempo é retratada desde a plenitude da infância até o esplendor da idade adulta, transitando pelo outono da velhice e culminando no inverno da morte. Este último, em particular, é a estação que metaforiza o término da vida. Deste modo, investigamos como a concepção de "inverno" serve como um mecanismo de meditação lírica qualificadora da poética gastoniana.

Para tal, selecionamos como corpus o poema "Variação", poema que aborda questões da existência humana, a qual se encontra atada às transformações naturais e às mudanças de consciência diante dos percursos da vida. A meditação lírica de Gastão Cruz, através de estações existenciais articuladas pela imagem do "inverno", reflete uma profunda contemplação sobre o sentido do ser, relacionando poesia e filosofia. Desse modo, esta abordagem interdisciplinar não apenas amplia a compreensão da obra do poeta, mas também fortalece o diálogo entre as disciplinas.

Nosso objetivo é reconhecer como, neste texto poético, surgem reflexões que vão além da historicidade do ser, exploradas liricamente através do simbolismo do "inverno". Na poética de



Gastão Cruz, observa-se uma poesia que, ao longo dos anos, reafirma um corpo poético, levando a uma autorreflexão lírica que expressa um corpo de carne. Corpo que, ao ser carne, é tempo.

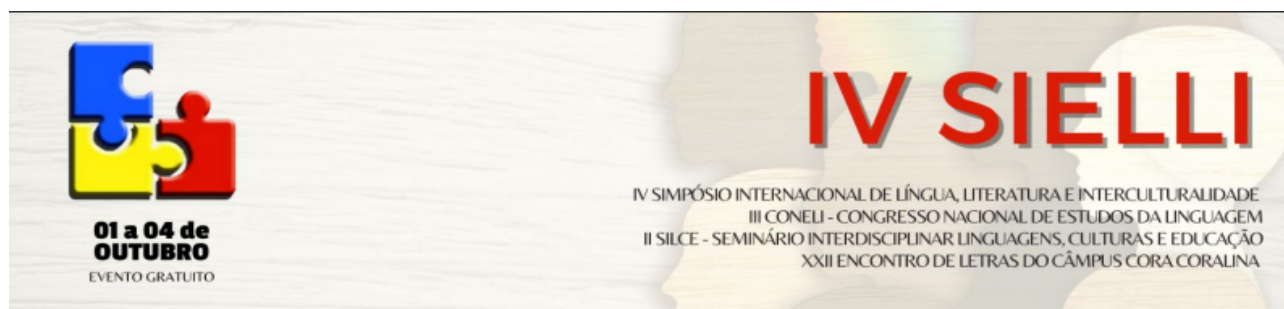
No que se refere à metodologia utilizada neste trabalho, essa segue o procedimento habitual dos estudos literários, com a pesquisa bibliográfica como base para a análise crítica de caráter ontológico-hermenêutico. A abordagem adotada é interdisciplinar, unindo poesia e filosofia, especialmente a partir das ideias de María Zambrano e Martin Heidegger, devido à ligação do tema “inverno” com o existencialismo. Ademais, a hipótese desta pesquisa associa os estágios existenciais às estações do ano, com foco na visão lírica do inverno em *Existência*.

Em nosso movimento argumentativo, inicialmente exploraremos a interseção entre Filosofia e Poesia, considerando a relevância dessa relação para o entendimento de ambas. Em seguida, nos aprofundaremos na discussão acerca da linguagem à luz das reflexões de Martin Heidegger, investigando suas implicações para o entendimento do ser e da expressão poética. Finalmente, analisaremos a noção de “inverno”, dentro do contexto interpretativo.

FILOSOFIA E POESIA

María Zambrano (2002) afirma que, embora em certos sujeitos privilegiados, a poesia e o pensamento possam ter surgido simultaneamente ou como uma forma expressiva única, ao longo da cultura ocidental, esses dois campos se confrontam com seriedade. A autora ressalta, contudo, que há uma razão decisiva a considerar: tanto a poesia quanto o pensamento hoje aparentam ser insuficientes, representando duas metades do ser humano — o poeta e o filósofo. O ser humano completo não é encontrado exclusivamente na filosofia ou na poesia. Na poesia, vê-se o ser humano concreto e individual, enquanto na filosofia ele é inserido em sua história universal e em sua vontade de ser. A poesia é um dom, um encontro, uma descoberta pela graça; já a filosofia é uma busca, um requisito guiado por um método.

No âmago da separação entre filosofia e poesia, destaca María Zambrano (2002) retomando Platão, encontra-se a violência enquanto força intrínseca ao pensamento racional. No capítulo *VII* de *A República* de Platão, o qual versa sobre o famoso mito da caverna, sair do mundo das



sombras e adentrar no mundo das ideias requer esforço violento para se libertar das amarras. María Zambrano (2002, p. 16) interpreta essa ação enquanto necessidade de se violentar para se libertar:

E assim já vemos mais claramente a condição da filosofia: admiração, sim, pasmo diante do imediato, para arrancar-se violentamente dele e se lançar a outra coisa, a uma coisa que se deve procurar e perseguir, que não nos é dada, que não entrega sua presença. E aqui já começa o penoso caminho, o esforço metódico por essa captura de alguma coisa que não temos e necessitamos ter, com tanto rigor, que faz nos arrancarmos daquilo que já temos sem o ter perseguido.

Nesse sentido, María Zambrano (2002) argumenta que certos sujeitos, presos na admiração original, resistem às mudanças e ao caminho da violência. Alguns, ao sentirem suas vidas suspensas e visões fixadas em elementos como a folha ou a água, não avançaram para um segundo estágio, onde a violência interna busca uma verdade mais profunda. Nem todos seguiram o difícil caminho da verdade, permanecendo presos ao presente, sem sentir ou enfrentar a violência necessária para buscar o ideal. Fiéis à sua primeira experiência extática, não se libertaram dessas experiências, pois elas já estavam enraizadas dentro deles. María Zambrano (2002) destaca que o que o filósofo busca, o poeta já possui de maneira inata, revelando uma das principais diferenças entre filosofia e poesia: o poeta não precisa oferecer explicações para suas razões.

Assim, a poesia revela o ser humano em sua essência e individualidade, oferecendo uma experiência direta e única, quase como uma súbita e intuitiva revelação. Em suas obras, Gastão Cruz concede ênfase à passagem do tempo, na fragilidade da vida e no inevitável encontro com a morte, assuntos que são tanto filosóficos, quanto profundamente poéticos. Ao abordar esses temas, o poeta adota uma perspectiva que é marcada pela introspecção e pela sensibilidade ao instante presente, ao que é passageiro e ao que é sensorial, uma "descoberta pela graça".

Desse modo, Cicero Cunha Bezerra (2011), em *Filosofia e poesia em María Zambrano*, afirma que a filosofia da pensadora espanhola é fundamentada no *desenraizamento*, ou seja, no salto e no desapego. Ele destaca que o cristianismo adotou a filosofia grega em sua forma ascética, com razão e ascetismo surgindo do sofrimento intelectual. Incapaz de entender plenamente o mundo, o filósofo transcende-o, enquanto o poeta permanece fiel à terra. Platão defendia a unidade subjacente



às aparências, mas María Zambrano (2002) argumenta que a poesia cria essa unidade de forma visível e encarnada, capturando a essência das coisas sem impor violência às aparências.

Nesse contexto, Cicero Cunha Bezerra (2011) afirma que *o ser, a razão e a realidade* se unem para excluir o poético. Essa união é uma tentativa de superar o pessimismo, a melancolia e a angústia que caracterizam a tragédia grega, sendo o poeta a única voz do passado trágico a ser superada. Em Gastão Cruz, a poesia assume um papel existencial que integra o poético como meio de investigação do ser. Na sua lírica, o pessimismo, a melancolia e a angústia são elementos fundamentais da condição humana, transformando-se em matéria poética. Assim, o poético torna-se um espaço de resistência à racionalidade predominante, oferecendo uma via para o inefável e o transcendente, que escapam ao controle da lógica e da realidade concreta.

Assim, a poesia, de fato, é o inferno, o qual é entendido como "o lugar onde não se espera", nós dizeres de María Zambrano (2002, p. 33), mas é também, o lugar da poesia, visto que essa é o único rebelde diante da esperança da razão. Desse modo, a poesia se assemelha à embriaguez, uma experiência que só é vivida por aqueles que estão desesperados e não desejam abandonar esse estado. São aqueles que fazem do desespero a essência de sua existência, sua forma de ser.

Tratando-se daquilo que não é estado de embriaguez e nem delírio, é cuidado, segundo María Zambrano (2002). O filósofo concebe a vida como uma vigilância constante, onde ele se observa e cuida de si mesmo, afastando-se de qualquer sedução que possa levá-lo ao sono. Enquanto o filósofo vive em sua consciência, marcada por cuidado e preocupação, o poeta se orienta por outras motivações. Logo, María Zambrano (2002) destaca a contradição humana entre a razão e a lei, e a paixão. A poesia, marcada pela dor e emoção, preserva a memória de nossas desgraças e nos faz sentir afeição pelo que perdemos, incluindo as paixões das quais a razão nos libertou.

Nas palavras de María Zambrano (2002), a poesia se separa da filosofia, uma vez que o poeta não pretende conquistar nada por si próprio, e sim oferecer. Desse modo, o poeta busca expressar algo maior do que ele, transcendendo as fronteiras da razão e mergulhando em águas profundas da sensibilidade e da alma humana. Logo, se tem a essência do fazer poético.



Vale ressaltar que, da mesma forma que a filosofia e a poesia se separam, ambas convergem, visto que tanto a experiência do poeta quanto a do filósofo ocorrem dentro do universo, ou seja, envolvendo as coisas, conforme Bezerra (2011). No entanto, a diferença reside, na falta de um método na poesia que priorize a distinção entre ser e aparência. O esforço poético, desde seu início, é caracterizado por duas inefabilidades: aquela que marca as coisas mais próximas (a carne) e aquela que permanece distante, além da própria razão.

A pensadora espanhola aponta que o poeta Paul Valéry estabeleceu uma definição para a poesia, tornando-a, desta forma, problemática. Ele a comparou ao pensamento, elaborando até mesmo um "método" poético, um caminho para entender a essência da poesia. Contudo, a autora questiona: “[...] a poesia não ocorreu na dispersão? Não era que a sua unidade tinha sido diferente da do pensamento e que até agora era indefinível?” (Zambrano, 2002, p. 114). A própria constatação de que a poesia se posiciona em paralelo ao pensamento leva a reflexão acerca do fato desta ter deixado de ser fiel a si mesma ao tentar sê-lo. A poesia não pode determinar-se, não pode definir-se. Em suma, não pode procurar encontrar-se, pois é desta maneira, que se perde.

A LINGUAGEM CONFORME HEIDEGGER

Ao adentrarmos na perspectiva de Martin Heidegger acerca da linguagem, nos deparamos com uma concepção radicalmente distinta daquela que usualmente encontramos em abordagens tradicionais. Conforme Duarte (2005), Heidegger defende, em *Ser e Tempo*, que a essência primordial da linguagem não é encontrada na lógica, nem na gramática, e muito menos nas capacidades do aparelho fonador do ser racional, pois a linguagem reside na estrutura existencial do ser-aí (Dasein)³, isto é, na abertura do ser-no-mundo⁴. Martin Heidegger, portanto, concebe a linguagem enquanto a casa do ser, trata-se de um espaço, em que a existência humana se desenrola. Sendo assim, oposta à concepção de linguagem instrumental, a qual encontra-se a serviço da

³ Trata-se do ser da existência humana. Conforme Jack Reynolds (2014) em *Existencialismo*, o termo é utilizado em lugar de consciência humana por Heidegger em *Ser e Tempo*.

⁴ O termo heideggeriano sugere, segundo Jack Reynolds (2014), que a existência humana se encontra essencialmente ligada ao mundo e é inseparável dele. Há, pois, importante relação entre o que existe (ente) e a História.



comunicação, nas palavras de Jaqueline Stefani e Natalie Oliveira da Cruz (2019, p. 119) em “Compreensão e linguagem em Heidegger: ex-sistência, abertura ontológica e hermenêutica”.

Desse modo, compreender a linguagem como a morada do ser implica reconhecer sua essência, que vai além da natureza linguística, e ocorre na proximidade entre o ser humano e o ser. Assim, a compreensão do humano e do mundo se torna inconcebível sem considerar a importância da linguagem, a qual consiste no cerne da existência, sendo um universo intransponível para o homem, sem o qual qualquer pensamento ou comunicação se tornaria inconcebível, conforme Stefani e Cruz (2019).

Sob essa perspectiva, a convivência e o entendimento humanos dependem da linguagem, que se torna o princípio fundamental para a criação de sentido. Segundo aponta Lev Vigotski (2001), no capítulo "Pensamento e palavra", presente em *A construção do Pensamento e da Linguagem*, o sentido de uma palavra é moldado pelos aspectos psicológicos que desperta em nós. Logo, o sentido é sempre uma construção dinâmica, fluida e complexa, com várias áreas de estabilidade com intensidades diferentes. O significado é apenas uma dessas áreas do sentido que a palavra assume em determinado contexto, sendo uma área mais estável e precisa.

Vale mencionar que a linguagem não é apenas uma ferramenta a ser dominada pelo uso, mas aquilo que nos permite compreender e nos conectar ao mundo. Percebê-la enquanto um lar, onde o ser habita, implica rejeitar tentativas de controlá-la. Segundo Heidegger (2003), a linguagem autêntica se manifesta raramente, especialmente quando não conseguimos encontrar os termos exatos para expressar o que nos afeta. Nesse momento, a linguagem nos impacta brevemente com sua força. O processo de trazer algo inédito à linguagem depende de sua disposição em fornecer ou negar a palavra certa, como observado no universo poético.

À vista disso, a linguagem habita em sua própria falta, no silêncio e na hesitação, contrastando com respostas prontas e memorizadas. Trata-se de uma busca constante pelo novo, além do que já está formulado e controlado. Aqui, destacamos o papel central da linguagem na filosofia de Heidegger, onde se revela como a morada do ser, ponto em que a compreensão e a existência se manifestam. A seguir, analisaremos a peça "Variação", de Gastão Cruz, para investigar como sua poesia dialoga com essas ideias heideggerianas.



VARIAÇÃO

Partimos, neste momento, ao poema “Variação”, o qual marca o fim da seção “Jardim Exíguo”, de *Existência*.

1 Depois da morte que realidade
2 é a de termos existido? Há

3 porventura um passado para a morte?
4 O que é ter existido quando o real

5 se moveu para o mundo seu contrário?
6 Vive ainda a linguagem

7 quando os órgãos da fala que produzem
8 o canto se perderam e os lábios

9 vivem só na memória de por eles
10 passarem as palavras?
(CRUZ, 2017, p. 44)

A peça lírica em destaque é constituída por 5 estrofes, sendo essas dísticas, ou seja, compostos por dois versos. Destaca-se que no texto, o leitor encontra versos marcados por questionamentos ontológicos acerca da realidade humana após a morte e constatação da possibilidade da persistência da linguagem depois da deterioração do corpo. A voz poética explora, portanto, a transitoriedade da existência e a relação entre vida e mortalidade. Nesse sentido, é interessante ponderar acerca da relação entre o real e a realidade.

Valendo-se das reflexões de Jacques Lacan, Brunce Fink (1998), no capítulo intitulado "A função criativa da palavra: o simbólico e o real", contido em *O Sujeito Lacaniano*, destaca a ideia de um período pré-linguístico, denominado "real", que representa um estado anterior à linguagem e à ordem simbólica. O ato de nomear e descrever o mundo através da linguagem "mata" o real ao converter a experiência em uma construção simbólica, originando assim a "realidade". Para Lacan, o real é contínuo e completo, desprovido de divisões ou atributos definidos, os quais emergem apenas com a intervenção da linguagem.

Portanto, a realidade é aquilo que pode ser articulado pela linguagem, tornando-se pensável e comunicável dentro de um grupo social. O que não pode ser nomeado ou simbolizado não faz



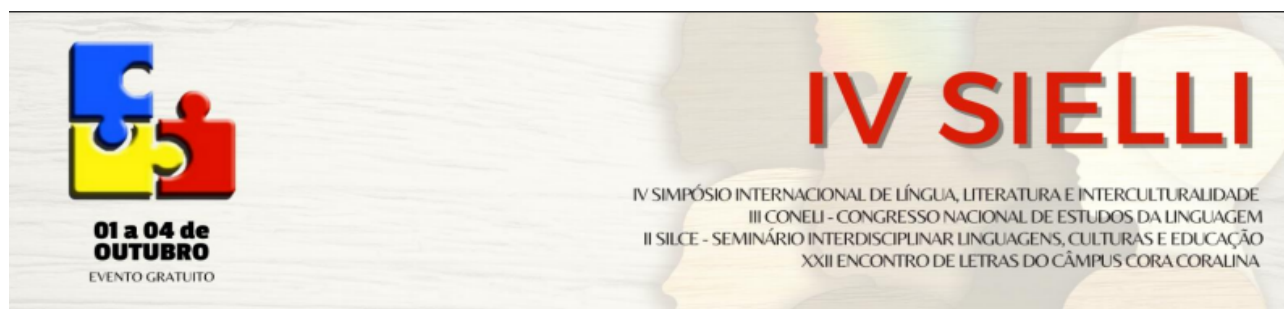
parte da realidade desse coletivo. Além disso, o real não existe no sentido tradicional, pois surge antes da linguagem. Lacan, inspirado por Heidegger, utiliza o termo "ex-sis-te", indicando que o real habita fora ou separado da realidade. No entanto, Bruce Fink (1998) observa que, ao nomear e discutir o real, nós o inserimos na linguagem e, assim, conferimos um certo tipo de existência àquilo que, em sua essência, só possui ex-sistência⁵.

O texto poético apresenta uma estrutura concisa e reflexiva, composta por versos curtos e livres, sem seguir um padrão métrico regular ou esquema de rimas, o que contribui para sua fluidez. A repetição do termo "existido", nos versos 2 e 4, no particípio passado, evoca a ideia de um estado finalizado e distante. Tal repetição reforça a noção de que, após concluída, a existência se transforma em uma questão complexa e quase etérea no contexto da morte. Ao introduzir questões como "o que é ter existido" e "que realidade é a de termos existido", o poema instiga uma reflexão sobre a essência do passado e a realidade após o fim da vida, sugerindo que a própria existência pode ser questionada ou até anulada pelo simples fato de ter chegado ao fim.

Vale mencionar a variação métrica entre heptassílabos e octossílabos, juntamente com o uso de *enjambement* ou encavalgamento, reforça a continuidade das indagações existenciais, além de contribuir para a expressividade e musicalidade do texto. A pontuação estratégica, especialmente nas perguntas retóricas, enfatiza a ausência de respostas claras e a certeza da finitude, realçando o confronto inevitável com o vazio que acompanha o fim da vida.

Há um questionamento e a certeza da ausência de resposta clara, objetiva, científica e universalizante. Tirando, claro, a certeza da finitude de todos, sendo a variação da pergunta a certeza da recorrência e do silêncio responsivo que permeia a experiência humana. A consciência da finitude, acentuada pelas interrupções e pelas questões retóricas, ressalta o confronto inevitável com o desconhecido e o vazio que se apresenta ao final da vida.

⁵ A expressão "ex-sistência" foi introduzida pela primeira vez em francês nas traduções de Heidegger (como em *Ser e tempo*), enquanto equivalente ao grego ekstasis e ao alemão Ekstase, conforme apontado por Fink (1998). A essência do termo em grego remete a ideia de "estar do lado de fora" ou "estar à parte" de alguma coisa. No contexto grego, esse termo era geralmente utilizado para indicar a remoção ou deslocamento de algo. Vale destacar que, Heidegger costumava explorar jogos de palavras com o sentido da raiz da palavra, referindo-se a um estado de "ficando do lado de fora" ou "saíndo para fora" de si mesmo, mas também destacando sua relação próxima em grego com a raiz da palavra para "existência". Lacan, por sua vez, utiliza a expressão para descrever algo como "uma existência separada", que persiste, por assim dizer, no exterior; algo que não é parte do interior, mas que, ao invés de ser íntimo, é "extimo".



Ao introduzir momentos de pausa, a pontuação convida o leitor a refletir sobre as incertezas e a fragilidade da vida, além da efemeridade da realidade. O silêncio entre as perguntas indica não apenas a ausência de respostas claras, mas também a dificuldade de compreender plenamente o significado da vida e da morte. Embora a linguagem expresse pensamentos e emoções, suas limitações são evidentes, especialmente ao tentar abarcar experiências como a morte, que permanecem difíceis de serem completamente expressas.

As interrogações nos versos 3, 5 e 10 introduzem questionamentos existenciais que percorrem todo o poema. A ausência de pontuação em alguns versos, como do 6 ao 9, acelera o ritmo e cria uma sensação de urgência. As sílabas mais intensas reforçam a musicalidade e destacam palavras importantes, como "morte" e "realidade" no verso 1, ressaltando a temática central do poema.

A abertura do poema se dá por uma pergunta: “Depois da morte que realidade / é a de termos existido?”, que provoca uma reflexão sobre o "ser-para-a-morte" heideggeriano, onde a morte é a única certeza da existência. Heidegger sugere que o "ser" só se compreende diante de sua finitude. Marco Aurélio Werle (2003), em “A angústia, o nada e a morte em Heidegger”, aponta que o caráter negativo da morte só aparece quando ela é vista como o fim físico da vida. No entanto, há um aspecto positivo, desde que o ser humano assuma o seu ser-para-a-morte, ou seja, leve em consideração que a morte é um fenômeno da própria existência e não do seu término.

A morte só faz sentido para aqueles que existem e a colocam como um dado fundamental da própria existência. Assumir o ser-para-a-morte, no entanto, não significa pensar constantemente na morte, mas, sim, encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência, assim, o ser humano, enquanto *Dasein*, é o ente que reflete sobre o próprio ser. Depois de partir, não se pode mais sentir a morte. Nesse sentido, a morte consiste em algo que só se pode experimentar indiretamente, através do outro que morre.

Na peça lírica, a reflexão se desdobra ao questionar a realidade da existência após a morte, sugerindo que esse fenômeno é mais que um evento final; é uma transformação na percepção da existência. A indagação poética expressa a inquietação sobre a possibilidade de um “nada” pós-morte e o desejo do eu lírico de entender se há continuidade, uma questão que transcende o



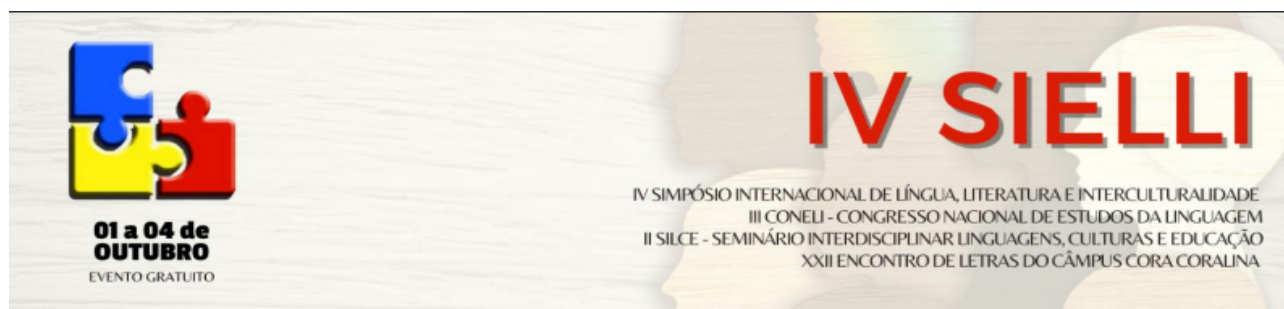
conhecimento humano e adentra o sagrado, o incognoscível. Assim, a interrogação religiosa emerge como uma tentativa de reconciliar-se com a finitude e encontrar um sentido que ultrapasse o humano e o conhecido.

A indagação, iniciada no verso 2 e finalizada no 3, "Há / porventura um passado para a morte?", sugere um embate entre a noção de uma vida que precede a morte e a ideia de uma realidade significativa que possa persistir ou ser compreendida após este evento. Vê-se que o sujeito lírico evoca uma reflexão acerca do papel do tempo no contexto daquilo que concebemos como morte. Logo, a indagação em destaque denota que a morte não somente interrompe o presente, como também rompe com o passado. A morte surge como presente contínuo, verdade expressa pelo uso do presente do indicativo "há" cujo aspecto verbal demarca o tempo das verdades científicas.

Através do questionamento presente nos versos iniciais, o eu lírico explora a incerteza acerca da continuidade da realidade percebida, depois da partida física. Nesse sentido, a indagação inicial propõe uma possível dissolução não somente do eu individual, mas também do mundo palpável, do qual temos conhecimento. Os indivíduos mortos "ficam", "continuam" enquanto linguagem para os ainda vivos. A verdadeira morte de cada um, efetivamente, se concretiza quando aqueles que mantinham os mortos vivos pela linguagem, pela reminiscência, também morrem, assim, em escala sucessiva, os que ficam deixam de lembrar, deixam de saber, deixam de conhecer.

No quarto e quinto verso do poema, um novo questionamento emerge, culminando na terceira estrofe a partir da pergunta: "O que é ter existido quando o real / se moveu para o mundo seu contrário?". Se tem nos versos uma antítese clara entre "real" e "mundo seu contrário". Logo, é importante observar que esse recurso literário cria uma divergência entre dois pensamentos de significados opostos, conforme aponta Moisés (2002). O contraste nesse verso enfatiza a mudança profunda provocada pela morte, sugerindo uma transformação abrupta na maneira como se percebe a existência. A ideia de que o "real" se desloca para um "mundo contrário" realça a ruptura entre a realidade vivida e o que se segue após a morte.

Nesse sentido, o simbolismo do inverno surge como uma metáfora apropriada para esse processo de transição. Conforme apontado por Amporn Sa-ngiamwibool em "*Significance and the Unique Symbolism of Seasons in Selected Poems*", o inverno está intrinsecamente ligado à morte, ao



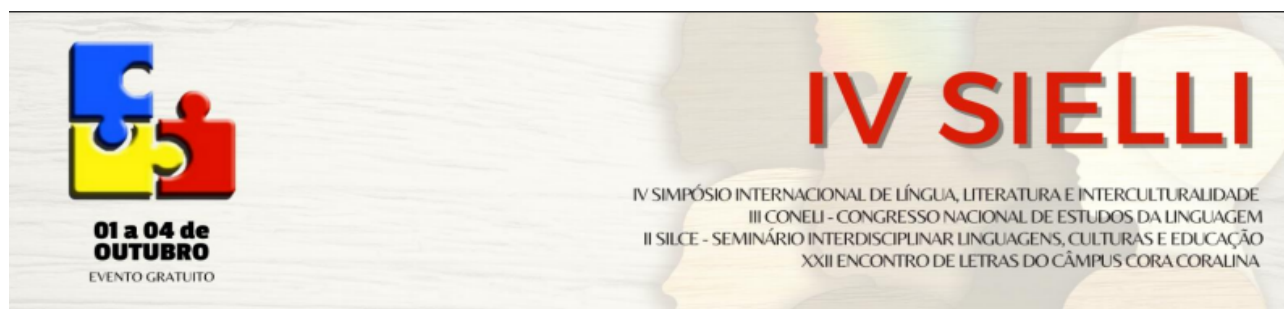
fim e à melancolia. O desfalecimento de muitos animais e plantas durante essa estação o consagra como um símbolo universal da morte. Além disso, a severidade da estação e o frio extremo podem dificultar qualquer esforço, seja ele físico ou mental.

Assim como o inverno representa uma transformação drástica e a morte no ciclo natural, o movimento descrito na peça lírica, em que o "real se move para o mundo seu contrário", reflete uma metamorfose existencial. A morte, à semelhança do inverno, carrega a ideia de uma transição profunda, na qual a realidade tangível e familiar se desfaz, dando lugar a uma realidade etérea e desconhecida. Esse "mundo contrário" pode ser compreendido enquanto um espaço de silêncio e estagnação, comparável à paisagem invernal que sufoca a vitalidade e nos força a uma contemplação melancólica sobre o fim da existência.

Nos versos em análise, o eu lírico investiga o significado da existência diante da mudança da realidade, a qual deixa de encontrar-se onde costuma permanecer. Assim, a reflexão em destaque sugere a possibilidade de a noção de existência perder sua relevância perante uma transformação tão profunda na realidade, quanto a transição da vida para a morte. Logo, o sujeito lírico parece indagar acerca da validade ou importância da existência em um contexto em que a realidade é drasticamente modificada, sendo abraçada pela inexistência.

Ainda acerca dos versos 4 e 5 do poema, o "real", tal como é apresentado, conforme Lacan, representa um estado anterior à linguagem e à simbolização, caracterizando-se como um estado contínuo e pleno. Ao afirmar que "o real se moveu para o mundo seu contrário", podemos entender essa passagem como a transição do real para a realidade, ou seja, o instante em que o real é nomeado, descrito e, por consequência, transformado pela linguagem em algo que pode ser comunicado dentro da estrutura simbólica.

A indagação "O que é ter existido", evidencia uma inquietação acerca da essência da existência, visto que o que é real, agora moldado e interpretado através da linguagem, foi "transportado" para a esfera da realidade. Essa mudança implica uma profunda metamorfose do que antes era um estado puro e inarticulado, transformando-se em algo que pode ser pensado, recordado e expressado. Logo, o texto lírico levanta questões sobre o sentido da existência ao mostrar como o real é, inevitavelmente, alterado pela linguagem, que o transforma em algo distinto de sua essência



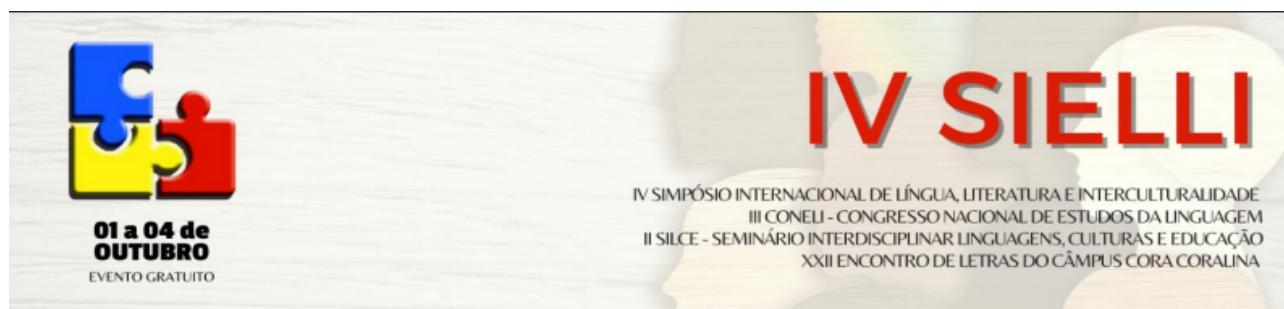
original. Ao tentar apreender o real, a linguagem gera uma nova forma de existência, representando o "mundo seu contrário" referido no poema — um universo onde o real se metamorfoseia, sendo reinterpretado e reestruturado dentro da ordem simbólica.

Vale observar também que o termo “real” está desvinculado de “se moveu”, este último encontra-se situado na estrofe seguinte, sugerindo um sentido de deslocamento, assim, a quebra do verso produz uma pausa dramática, intensificando a reflexão. Além disso, é perceptível a similaridade sonora entre "se moveu" e "mundo seu", uma vez que a primeira expressão se inicia com um fonema sibilante e a segunda termina com um fonema similar.

Os versos seguintes trazem uma reflexão acerca da sobrevivência da linguagem em um contexto no qual os meios físicos para a sua produção estão ausentes. A linguagem é apresentada enquanto um ser vivo, capaz de "existir" ou "deixar de existir", exemplificando a personificação, figura de linguagem que atribui qualidades humanas a entidades inanimadas ou abstratas, segundo Moisés (2002). A personificação reforça a ideia de que a linguagem transcende o corpo humano, mantendo uma existência independente, mesmo quando a capacidade física de falar se perde. Assim, a peça lírica explora a dualidade entre o físico e o abstrato, refletindo sobre a continuidade da linguagem após a morte dos órgãos que a manifestam.

O hipérbato, descrito por Moisés (2002) como uma figura de linguagem caracterizada pela inversão abrupta da ordem dos elementos na frase, aparece em algumas passagens da peça lírica, especialmente nos versos 6 a 8, criando uma atmosfera contemplativa e filosófica: "Vive ainda a linguagem / quando os órgãos da fala que produzem / o canto se perderam e os lábios." Nesses trechos, a alteração na ordem sintática destaca "vive" logo no início, seguido de "ainda a linguagem", em vez da sequência direta convencional "A linguagem ainda vive quando...". O uso do verbo "viver" no presente do indicativo, precedendo o sujeito, confere uma ênfase singular à existência da linguagem, conferindo a ela uma qualidade quase ontológica. Assim, a linguagem transcende a ideia de mero meio de comunicação e, conforme destaca Heidegger, transforma-se em um ente autônomo, com uma presença e resiliência que desafiam a finitude do corpo.

A posição do verbo no início do enunciado sugere uma ação contínua e atual, que ocorre independentemente das condições físicas ou dos órgãos que a sustentariam. O uso do presente do



indicativo reforça a ideia de que a existência da linguagem é incessante e duradoura, afirmando-se no presente como um tempo resistente à degradação. Além disso, a ênfase no verbo direciona a atenção para a ação de viver antes de se pensar na entidade que a realiza. Colocar o foco na ação, em vez de na entidade (a linguagem), realça a dinâmica da existência, tratando a vida da linguagem como um processo ativo e fundamental.

Observa-se ainda os versos 9 e 10: "vivem só na memória de por eles / passarem as palavras?". A inversão ressaltada enfatiza "vivem só na memória", destacando algo que os lábios já não exprimem. A forma direta, apesar de ser clara, não conferiria à obra lírica a mesma carga emocional e poética. Vale ressaltar também que a escolha do termo "lábios" como símbolo da função de falar evidencia o uso de uma metonímia, figura de linguagem em que se utiliza uma palavra por outra, estabelecendo uma relação lógica e próxima qualitativa, conforme Moisés (2002).

Embora os lábios não sejam a expressão verbal em si, são essenciais na formação das palavras orais. Quando se diz que eles "vivem apenas na memória", refere-se à persistência da habilidade de se expressar verbalmente apenas na recordação, após a perda dos órgãos responsáveis pela emissão de sons. A metonímia utiliza "lábios" para simbolizar a função comunicativa que eles viabilizam, evidenciando a transição do ato de falar para uma lembrança após a morte. A indagação do eu lírico questiona se, com a ausência de manifestação física da linguagem, as palavras agora existem em um plano incorpóreo e persistindo além da morte.

Vê-se ainda que, semelhantemente ao verso 6, há uma ênfase no verso 9 do verbo "viver" no presente do indicativo, o que sugere uma anáfora. Segundo Moisés (2002), essa figura de linguagem consiste na repetição de palavras no início de versos ou frases consecutivas, criando ritmo e destacando ideias. Aqui, a repetição do verbo conecta os versos, reforçando o tema da persistência da linguagem e conferindo cadência ao poema.

Observa-se que, na indagação apresentada, o eu lírico sugere que a linguagem permanece na memória dos lábios, mesmo quando estes já não podem produzir palavras fisicamente. Nesse sentido, é relevante mencionar Heidegger, que afirma que a essência da linguagem não está na lógica ou na gramática, mas no *Dasein*, ou seja, na abertura do ser-no-mundo, conforme destacado



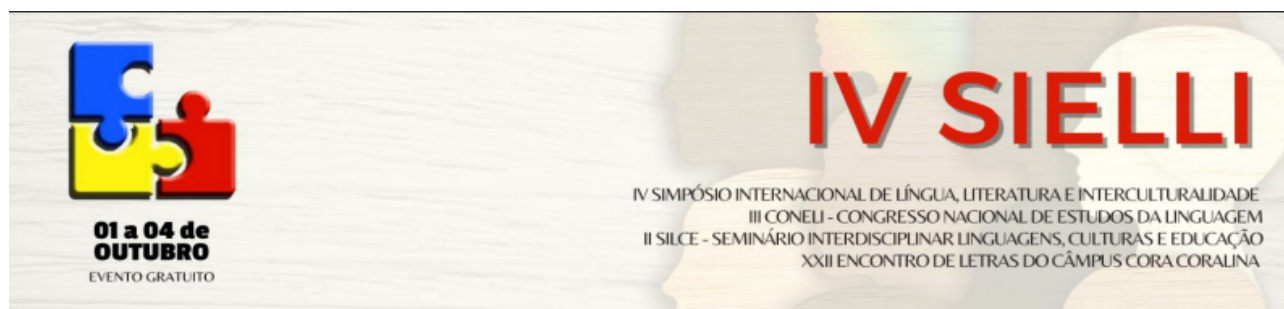
por Duarte (2005). Assim, entender a linguagem como morada do ser revela sua natureza essencial, que transcende a dimensão puramente linguística.

Em síntese, na peça lírica analisada, a organização dos versos, a abordagem dos temas da existência, morte e linguagem, juntamente com o uso de figuras de linguagem, cria uma tapeçaria poética rica e reflexiva. O hipérbato, em particular, intensifica o questionamento sobre o que permanece após o fim da existência, refletindo a morte como desarranjo na sequência natural da vida. Essa inversão da ordem lógica quebra a interpretação tradicional, alinhando a estrutura poética com a desordem temática.

A indagação inicial do texto lírico provoca uma reflexão acerca da essência da realidade e do ser, conduzindo-nos a um estado de dúvida e contemplação. A estrutura fragmentada dos versos, repleta de pausas e quebras, reflete a própria desintegração da realidade após a morte, onde as respostas se mostram elusivas e a continuidade da existência é questionada.

Sob esse viés, nota-se que a imagem lírica do inverno não se apresenta de forma explícita, mas se associa à sensação de finitude e à taciturnidade que permeia os questionamentos do sujeito lírico. O inverno, frequentemente símbolo de término, estagnação e quietude, se relaciona com a atmosfera contemplativa e introspectiva do poema. A transição do calor da vida para o frio da morte, evidenciada pela estrutura fragmentada, pausas dramáticas e reflexões presentes no texto, sugere uma transformação aguda em que a vitalidade e o movimento da existência dão lugar à imobilidade e ao silêncio da morte.

Vale destacar ainda que, o termo "variação", que concede nome ao poema, serve como uma metáfora profunda para as mudanças que caracterizam a vida humana, desde o estágio pré-linguístico do "real" até sua simbolização e por fim, possível dissipação na morte. Desse modo, a falta de um artigo determinante no título intensifica essa indefinição, ampliando a gama de interpretações e insinuando que a essência da existência humana é, essencialmente, mutável e volúvel, uma dança incessante entre o existir e o não existir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Existência*, Gastão Cruz nos leva a uma experiência profundamente humana e filosófica, onde o tempo se destaca como uma figura central e as estações do ano se transformam em metáforas da existência. Sua poesia não se limita a refletir sobre a morte, mas também abrange a vida, o processo de envelhecimento e a efemeridade do que nos torna humanos.

Neste estudo, não buscamos somente dissecar tecnicamente as imagens poéticas de Gastão Cruz, mas também nos aprofundar nas emoções que suas palavras despertam: a percepção de que somos seres limitados, em diálogo constante com a morte. A filosofia e a poesia se encontram naquele instante em que ambas se inclinam sobre o enigma da existência, buscando, cada uma à sua maneira, dar voz ao que parece inefável.

A análise empreendida nos leva a perceber que o "inverno" em Gastão Cruz transcende a mera representação de um declínio existencial; trata-se de um período de reflexão, uma preparação para o fim, mas também um instante de síntese. Desse modo, o poeta nos oferece uma perspectiva mais ampla acerca da finitude: um ponto de encontro entre a memória, a linguagem e a continuidade.

Por fim, percebemos que, assim como o inverno, a morte é uma etapa no ciclo da existência, caracterizada pela frieza e silêncio, mas que carrega a semente do que permanece vivo — nas palavras, nas lembranças e no legado deixado.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Cicero Cunha. Filosofia e poesia em María Zambrano. **Revista Cerrados**, v. 20, n. 32, 2011.

CRUZ, Gastão. **Existência**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. **Natureza humana**, v. 7, n. 1, p. 129-158, 2005.

FINK, Bruce. A função criativa da palavra: o simbólico e o real. In: FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 43-52.



- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Ed. Universitária São Francisco, 2003.
- HERACLITO; COSTA, Alexandre; DA SILVA, Inês Coelho. **Fragmentos contextualizados**. 2002.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. Editora Cultrix, 2002.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. 2. ed. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RODRIGUES, Amanda Damasceno. **Faces do estilo tardio na existência de Gastão Cruz**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11722>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- SA-NGIAMWIBOOL, Amporn. Significance and the Unique Symbolism of Seasons in Selected Poems. **Resmilitaris**, v. 12, n. 6, p. 1296-1313, 2022.
- STEFANI, Jaqueline; CRUZ, Natalie Oliveira da. Compreensão e linguagem em Heidegger: ex-sistência, abertura ontológica e hermenêutica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 14, p. 112-127, 2019.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Pensamento e palavra. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 395-486.
- WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, v. 26, p. 97-113, 2003.
- ZAMBRANO, María. **Filosofia e poesia**. Bologna: Edizioni Pendragon, 2002.